



ACOLHIMENTO NA FAMÍLIA DE DEUS



FICHA TÉCNICA

Direção Geral: Ministério da Mulher DSA

Autor: Ricardo do Carmo Coelho

Revisão: Equipe de Tradução DSA

Diagramação e capa: Marcos Aurélio Gularte de Castro

Ano 2023



ACOLHIMENTO NA FAMÍLIA DE DEUS

GÊNESIS 33:1-4, 12

A. O acolhimento é importante numa sociedade onde a solidão causa doenças

Imagine uma senhora de 65 anos que visita frequentemente seu médico devido a dores que vem sentindo. Ela reclama de um incômodo na coluna durante uma visita, fala sobre dores de cabeça em outra e se queixa de certa fraqueza na próxima. A cada consulta seu médico realiza exames e nunca acha uma causa específica para seus sintomas. Conforme isso acontece, ela sai da clínica frustrada, sentindo que nada pode ser feito para curar suas dores.

No entanto, se olharmos mais de perto, iremos descobrir que essa paciente perdeu seu marido há cinco anos e está morando sozinha desde então. Seus três filhos vivem em outros lugares. Apesar de amar muito seu neto, ela só o vê uma vez ao ano. Ela tem poucos amigos, que só encontra ocasionalmente. Se lhe perguntassem, ela provavelmente diria que sim, ela sofre com a solidão, apesar de viver em uma grande cidade.

Jed Magen, professor de Psiquiatria na Universidade do Estado de Michigan, relata que esse é um cenário comum em clínicas médicas. Sintomas de doença sem nenhuma causa aparente podem ser o resultado de isolamento social e tédio. Pesquisas

mostram que pessoas que se sentem sozinhas têm mais problemas de saúde, se sentem piores e talvez até morram mais cedo.

Em 2015, pesquisadores da Universidade Brigham Young realizaram múltiplas pesquisas sobre **solidão**. Após avaliar dados de centenas de milhares de pessoas, o grupo concluiu que a solidão resulta em um aumento de 50% de mortes prematuras. Solidão e isolamento também estão associados com aumento da pressão sanguínea, níveis elevados de colesterol, depressão e, como se não bastasse, diminuição de habilidade cognitiva e surgimento de Alzheimer.¹

Como igreja, podemos fazer um grande bem para a população se formos acolhedores e fizermos amizades verdadeiras.

Vamos estudar uma linda história e aprender algumas lições sobre uma das recepções mais emocionantes narradas na Bíblia.

B. Contexto de um emocionante encontro onde o acolhimento revelou o amor de Deus

“Enquanto Jacó estava a lutar com o Anjo, outro mensageiro celeste foi enviado a Esaú. Em sonho viu Esaú seu irmão, que durante vinte anos fora um exilado da casa de seu pai, testemunhou-lhe a dor ao encontrar morta a mãe, viu-o rodeado pelos exércitos de Deus. Este sonho foi relatado por Esaú aos seus soldados, com a ordem de não fazerem mal a Jacó; pois o Deus de seu pai estava com ele. Os dois grupos finalmente se aproximaram um do

1 <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2018/02/solidao-faz-mal-para-sua-saude-afirma-psiQUIATRA.html>

outro, conduzindo o chefe do deserto seus homens de guerra, e estando Jacó com suas esposas e filhos, acompanhados dos pastores e servas, e seguidos de longas fileiras de rebanhos e gado. Apoiado em seu cajado, o patriarca saiu para a frente a fim de encontrar-se com o grupo de soldados. Estava pálido e inutilizado em consequência de seu recente conflito, e andava vagarosa e penosamente, parando a cada passo; mas tinha o rosto iluminado por alegria e paz. À vista daquele sofredor coxo, 'Esaú correu-lhe ao encontro, e abraçou-o, e lançou-se sobre o seu pescoço, e beijou-o; e choraram'. Gênesis 33:4. Ao olharem para esta cena, mesmo os rudes soldados de Esaú ficaram tocados" (Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 136, 137).

Esse é o emocionante relato do encontro de Jacó e Esaú após 20 anos distantes, exatamente quando Jacó estava voltando para a terra de seu pai, a terra de Canaã.

Não poderia haver melhor recepção para ele na volta para a terra prometida. De fato, Deus usou a pessoa que foi a razão da fuga de Jacó para recepcioná-lo na volta.

Agora, é verdade que antes do sonho Esaú não estava bem-intencionado, seu coração não estava movido de compaixão, e ele estava pensando mais em si mesmo, em sua honra e na vingança do que no bem-estar do seu irmão e de sua família.

Assim como Esaú, todos nós somos egoístas quando nossa natureza humana e caída está dominando; pensamos apenas em nós mesmos. Como indica o livro de Brennan Manning com seu sugestivo título *O impostor que vive em mim*, é como se exis-

tisse dentro de nós um impostor, alguém diferente, com desejos egoístas lutando pela supremacia. Jesus nos desafia a amarmos uns aos outros (João 13:34) e para iniciarmos a jornada do discipulado de Cristo, a primeira coisa que Ele nos pede é negarmos a nós mesmos (Lucas 9:23). Em outras palavras, rendição total.

E essa foi a experiência de Jacó no vale naquela noite, e, de certa forma, uma experiência de rendição também alcançou o coração de Esaú naquela mesma noite com o sonho. Que coisa linda é o agir do Espírito Santo! Deus é maravilhoso!

A experiência da rendição do coração a Deus transborda em atos de amor. E o ato de amor mais importante para alguém que está chegando, alguém que ainda não pertence é o acolhimento. Nesta história, de maneira extraordinária, Deus usou Esaú para acolher Jacó quando ele estava chegando à terra de Canaã. Esaú foi usado por Deus para recepcionar e demonstrar acolhimento para o povo escolhido de Deus às portas da Terra Prometida.

Pouco depois, Jacó atravessou o Jordão. Ellen White comenta da seguinte forma:



“Atravessando o Jordão, ‘chegou Jacó salvo à cidade de Siquém, que está na terra de Canaã’. Gênesis 33:18. Assim, a oração do patriarca em Betel, para que Deus o trouxesse novamente em paz à sua terra, fora deferida. Durante algum tempo ele habitou no vale de Siquém. Foi aqui que Abraão, mais de cem anos antes, fizera seu primeiro acampamento, e construíra seu primeiro altar, na terra da promessa. Ali Jacó ‘comprou uma parte do campo em

que estendera a sua tenda, da mão dos filhos de Hamor, pai de Siquém, por cem peças de dinheiro. E levantou ali um altar, e chamou-o Deus, o Deus de Israel'. Gênesis 33:19, 20. Como Abraão, Jacó erguera ao lado de sua tenda um altar ao Senhor, convocando os membros de sua casa para o sacrifício da manhã e da tarde. Foi ali também que ele cavou o poço, ao qual, dezessete séculos mais tarde, veio o Filho de Jacó, o Salvador, e ao lado do qual, descansando durante o calor do dia, falou aos Seus ouvintes maravilhados daquela 'fonte d'água que salte para a vida eterna'. João 4:14" (Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 140).

Jacó voltou para a Terra Prometida, e quem o recebeu? Esaú.

A atitude de Jacó em dividir sua família em grupos revela o medo. Sabem amigos, muitas pessoas que estão vindo em busca de uma experiência com Deus junto a igreja também sentem medo. Medo de não serem aceitos, medo de não serem bem tratados, medo de não serem acolhidos. Alguns, como Jacó, já fizeram parte, mas há muito tempo estão longe. Talvez voltem como pessoas diferentes, com roupas diferentes e até falando de maneira diferente. Normalmente eles sentem medo. Em última instância, o medo se fundamenta na preocupação de serem aceitos por Deus ou não. E para eles, nós podemos ser o reflexo do favor de Deus, da aceitação divina. Imaginem que responsabilidade!

E assim como Deus usou Esaú para receber seu filho Jacó, Deus quer usar a mim e a você para receber muitos dos Seus filhos e filhas em Sua casa, nas

“terras e braços” de Sua família. A maneira que Deus levou Esaú a agir nos ensina algumas lições de como devemos acolher:

1. Devemos acolher com iniciativa (v. 4)

O verso 4 diz que Esaú “correu” ao encontro de Jacó. Quando Jacó visualizou Esaú e seus 400 homens à distância ele começou a se prostrar em terra. Ele fez isso sete vezes. Ele estava em paz com Deus, mas não sabia o que iria acontecer. Ele estava cansado e mancando, e tinha dividido sua família em grupos, pelo temor de um possível ataque, e foi à frente.

Imagino Esaú ao aproximar-se pulando de seu cavalo e correndo ao encontro de Jacó. Foi um momento sublime! Ele não apenas aceitou, não apenas esperou o irmão chegar, ele correu. E essa atitude de correr, que era interpretada no Antigo Oriente como desonrosa e humilhante, representa uma iniciativa espetacular de acolhimento da parte de Esaú que havia sido traído por seu irmão.

- O quanto temos sido intencionais em acolher as pessoas?
- Receber tem sido uma tarefa apenas de alguns na igreja que fazem por obrigação?
- Nossa recepção é algo reativo? As pessoas chegam e nós estendemos a mão apenas como consequência de sua chegada?
- Ou somos proativos em acolher?

Queridos irmãos, Deus espera que tomemos a iniciativa. Como irmãos que estão em casa, devemos fazer nossa parte. E pode até ser que algumas das pessoas que precisam do nosso acolhimento tenham nos magoado ou traído no passado. Nisto consiste o amor. Tenhamos iniciativa para acolher a todos e fazê-los se sentirem bem, seja nos cultos e reuniões da igreja, seja em nossos pequenos grupos ou em outras programações. O bom acolhimento é uma marca dos cristãos. “Seja constante o amor fraterno. ² Não se esqueçam da hospitalidade, pois alguns, praticando-a, sem o saber acolheram anjos” (Hebreus 13:11, 2).

2. Devemos acolher com afeto e simpatia (v. 4)

“Então Esaú correu ao encontro dele e o abraçou; pôs os braços em volta do pescoço dele e o beijou; e choraram” (Gênesis 33:4).

David Brown comenta que não foram os presentes, nem as prostrações humildes de Jacó, mas sem dúvida, foi a influência secreta e subjugadora da graça de Deus (Provérbios 21:1) que converteu Esaú de inimigo em amigo de Jacó. Ele afirma que essa é uma descrição exata de um encontro entre relações no Oriente, especialmente para um membro da família que voltou para casa depois de uma longa ausência. Eles colocam as mãos no pescoço, beijam cada bochecha, e depois inclinam a cabeça por alguns segundos, durante o abraço carinhoso. É o modo habitual de testemunhar afeição e, embora não fosse esperado de Esaú receber seu irmão com

uma saudação tão cordial, isso estava de acordo com a manifestação de bondade e generosidade da cultura deles.²

E nós? Como podemos demonstrar compaixão e afeto no contexto onde nós estamos? Seria um abraço, um sorriso, um beijo? E lembremos que o que as ações representam é mais importante do que as ações em si mesmas.. Jesus demonstrava simpatia. Ellen White escreveu que:

“Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. *Manifestava simpatia por eles*, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me’” (Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 49 – grifo acrescido).

Mostrar simpatia é a demonstração de se importar com a situação, os sentimentos e as necessidades dos outros. A verdadeira simpatia demonstrada por Cristo é fruto do Espírito e queque precisa ser desenvolvido na Igreja por meio de amadurecimento espiritual. A simpatia é mais do que um sorriso, é o interesse sincero, é a atitude de um coração capaz de se compadecer, de sentir com a pessoa a dor dela.

2 David Brown, A. R. Fausset e Robert Jamieson, *A Commentary, Critical, Experimental, and Practical, on the Old and New Testament: Genesis–Deuteronomy*, v. 1, Londres; Glasgow: William Collins, Sons, & Company, Limited, s.d., p. 217.

3. Devemos acolher com compaixão (v. 10)

“Porque ver o seu rosto é como contemplar o semblante de Deus; e você me acolheu tão bem”
(Gênesis 33:10).

Esau tinha razões humanas para odiar e planejar uma vingança. Mas Deus lhe deu boas razões divinas para acolher com compaixão. Graças a Deus porque, nesta história do reencontro dos irmãos, o amor venceu.

De forma muito linda, Jacó relata que o irmão o recebe muito bem, e ver a face dele era como contemplar a face de Deus. Jacó sabia que não merecia. Ele reconheceu que o irmão foi gracioso, perdoador e compassivo como Deus é.

Sabem queridos, muitas pessoas chegam na igreja “mancando” pelas lutas emocionais e espirituais da vida. Elas sentem que não merecem, mas estão à procura de graça, perdão e amor de Deus. E a maneira como nós as recebemos pode ser o sinal, o reflexo da graça de Deus que elas tanto precisam. Talvez algumas vão fechar ou abrir o coração, dependendo do acolhimento que tiverem em nosso meio.

Antes de acusarmos ou criticarmos, lembremos-nos de que nós também não merecemos a graça de Deus. “Não julguem, para que vocês não sejam julgados. Pois com o critério com que vocês julgarem vocês serão julgados; e com a medida com que vocês tiverem medido vocês também serão medidos. Por que você vê o cisco no olho do seu irmão, mas não repara na trave que está no seu próprio?” (Mateus 7:1-3).

Vamos acolher com compaixão e amor, e assim as pessoas verão nosso rosto como se estivessem contemplando a face de Deus.

4. Devemos acolher com disposição de acompanhar (v. 12)

“Então Esaú disse: Vamos partir e seguir viagem.
Eu irei à sua frente” (Gênesis 33:12).

O acolhimento de Esaú não se resumiu apenas ao momento do encontro, mas também à sua disposição de acompanhar Jacó, fazendo o possível para oferecer a seu irmão e família a segurança e as condições necessárias para entrarem na terra e ficarem bem.

É aqui que acontece o teste da verdadeira sinceridade; às vezes dar um sorriso, abraçar e dizer seja bem-vindo pode ser fácil. Mas prestar atenção e se antecipar a possíveis necessidades, nos dispondo a servir, acompanhando as pessoas no processo, isso, sim, é a expressão do amor no verdadeiro acolhimento cristão.

Devemos dar um passo além. Nosso acolhimento precisa ser real porque o amor de Deus é real. O verdadeiro acolhimento se dá quando, mais do que em um prédio, recebemos as pessoas em nossa vida.

CONCLUSÃO

John Todd nasceu em Vermont em 1801. Antes de John completar seis anos, ele ficou órfão. Ele, seus irmãos e irmãs foram divididos entre os parentes.

John foi designado para uma tia de bom coração que morava a dezesseis quilômetros de distância. Ela se tornou mãe do rapaz sem-teto e o viu ao longo dos anos atingir coisas grandes como estudar em Yale e ser bem-sucedido em sua profissão escolhida.

Chegou um momento em que a tia ficou gravemente doente. Ela sabia que a morte estava próxima. Ela estava com medo e incerta sobre o futuro. Em sua ansiedade, ela escreveu para John. Como não podia estar ao lado dela naquele momento, ele escreveu a seguinte carta:

Já se passaram quase trinta e cinco anos desde que eu, um garotinho de seis anos, fui deixado completamente sozinho no mundo... Nunca esqueci o dia em que fiz a longa viagem até sua casa em North Killingsworth... ainda me lembro de minhas lágrimas e ansiedade, pois empoleirado em um cavalo e agarrado firmemente a César, parti para minha nova casa. À medida em que cavalgávamos, fui ficando cada vez com mais medo e finalmente disse ansiosamente a César: “Você acha que ela vai para a cama antes de chegarmos lá?” “Oh, não,” ele respondeu com calma e segurança, “ela com certeza vai ficar acordada esperando você. Quando sairmos desta floresta, você verá a vela dela brilhando na janela”.

Logo nós chegamos em uma clareira, e lá, estava sua vela acesa. Eu me lembro que você estava esperando na porta, me desceu do cavalo e colocou seus braços em volta de mim. Havia fogo em sua lareira, uma comida quente em seu fogão. Depois do jantar, você me levou para a cama, ouviu minhas orações e sentou ao meu lado até que eu adormeci.

Sabe por que estou lembrando de todas essas coisas, tia? Um dia Deus levará você um novo lar. Não tenha medo. No final do caminho você encontrará amor e acolhimento; você estará segura lá, no amor e cuidado de Deus. Certamente Ele será tão gentil e confiável para você, como você foi anos atrás para mim!³

O acolhimento faz parte do reino de Deus. Um dia, nós também seremos recebidos e acolhidos no Céu.

“Por isso eu digo a vocês: usem as riquezas deste mundo para conseguir amigos a fim de que, quando as riquezas faltarem, eles recebam vocês no lar eterno” (Lucas 16:9, NTLH).

Jesus fala nessa passagem de acolhimento e recepção nas moradas eternas. Um dia, após a volta de Jesus e a nossa viagem até lá, seremos recebidos no Céu. Logo, vale a pena todo esforço, dedicação e investimento aqui na Terra para conquistarmos amigos para o reino de Deus. Acolhendo com iniciativa, afeto, simpatia, compaixão e acompanhamento.

Quantos gostariam de se colocar à disposição de Deus para serem usados por Ele para acolher outros para o reino dos Céus?

RICARDO DO CARMO COELHO

Pastor na Igreja Adventista do Sétimo Dia do Alphaville, em Manaus, Amazonas, Brasil. Uma igreja acolhedora.

3 G. Curtis Jones, *1000 Ilustrações para Pregação e Ensino*. Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 1986, p. 110, 111.